

Roberta Campos e
George Israel hoje
no Manouche



PÁGINA 2

Os vencedores
polêmicos do
Festival de Cannes



PÁGINAS 4 E 5

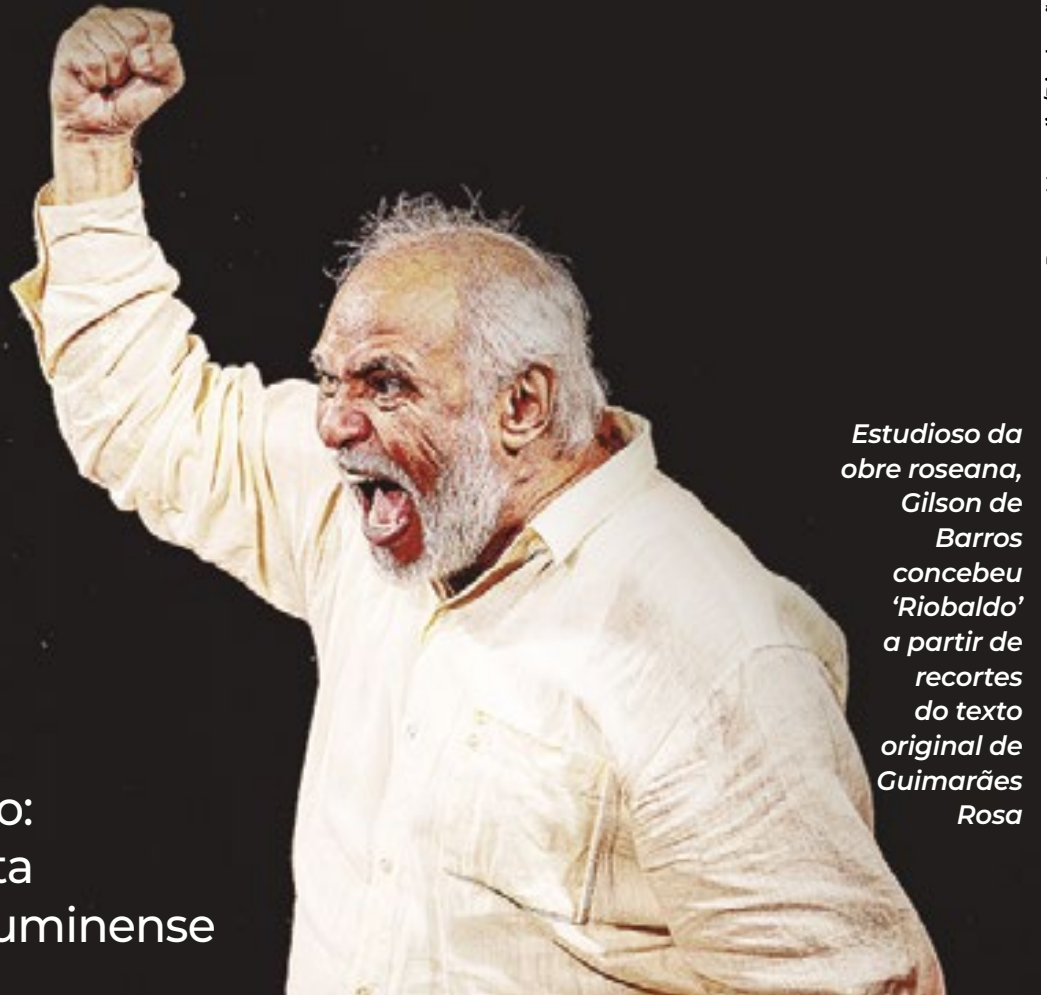
Nova temporada
de 'Os Anéis do
Poder' tem data



PÁGINA 6

2º CADERNO

Imersão no universo roseano



Estudioso da obra roseana, Gilson de Barros concebeu 'Riobaldo' a partir de recortes do texto original de Guimarães Rosa

Baseado na obra-prima 'Grande Sertão: Veredas', monólogo 'Riobaldo' faz curta temporada no Rio, Baixada e Norte Fluminense

Após uma jornada de sucesso por várias cidades brasileiras, a tão aclamada "Trilogia Grande Sertão: Veredas" primeira parte, "Riobaldo", chega às unidades dos Teatros Firjan Sesi para cinco únicas apresentações nas unidades Duque de Caxias (17/5), Jacarepaguá (18), Macaé (23), Campos (24) e Itaperuna (25).

Com recorte e atuação do ator Gilson de Barros e direção do mestre Amir Haddad, a peça é baseada na obra-prima "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa, e tem se destacado na cena teatral brasileira desde sua estreia em 2020. Indicada ao Prêmio Shell Rio 2023 nas categorias de Melhor Dramaturgia e Melhor Ator, o texto captura a essência da obra

original, mergulhando nas profundezas da alma humana e na riqueza da linguagem sertaneja.

"Li as duas primeiras páginas do 'Grande Sertão' várias vezes até perceber que aquela 'língua' tinha tudo a ver comigo. O resto da narrativa devorei em segundos, segundo minhas sensações. Aprendi a ler, aprendi a língua, lendo este romance portentoso no original. Entendi! Não era uma tradução, era um livro brasileiro, escrito na 'língua' brasileira", revela Amir Haddad.

"Há alguns anos venho estudando a obra de Guimarães Rosa, com ênfase no 'Grande Sertão: Veredas'. Interpretar Riobaldo tem sido meu trabalho e minha dedicação. A cada releitura do livro, cada temporada da peça, a cada curso que participo, vou aumentando a compreensão da obra", afirma Barros. "O objetivo é

traduzir a prosa Roseana para a linguagem do teatro. Pretensioso, eu sei. Mas, não imagino outra forma de enfrentar essa obra-prima, repleta de brasilidade", completa.

Publicado em 1956, "Grande Sertão: Veredas" revolucionou a literatura brasileira ao oferecer uma visão singular do sertão e explorar aspectos metafísicos do homem de forma universal. João Guimarães Rosa, com sua maestria linguística, transporta os espectadores para um universo onde o real e o imaginário se entrelaçam.

Após um início interrompido pela pandemia em 2020, a Trilogia retomou suas temporadas presenciais em 2021, mantendo uma forte conexão com o público por meio de apresentações virtuais. Desde a retomada dos eventos presenciais, tem corrido o país.

SERVIÇO

RIOBALDO

17/5, às 20h: Teatro Firjan Sesi Caxias (Rua Artur Neiva, 100 - 25 de Agosto)

18/5, às 20h: Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá (Av. Geremário Dantas, 940 - Freguesia)

23/5, às 20h: Teatro Firjan Sesi Macaé (Alameda Etelvino Gomes, 155)

24/5, às 20h: Teatro Firjan Sesi Campos (Av. Dep. Bartolomeu Lysandro, 862 - Guarus)

25/5, às 19h: Teatro Firjan Sesi Itaperuna (Av. Dep. José de Cerqueira Garcia, 833)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CORREIO CULTURAL

Quatro mãos de muita sensibilidade

Roberta Campos e George Israel fazem show com repertório do EP lançado em parceria este ano

George Israel (ex-Kid Abelha) e a cantora e compositora Roberta Campos sobem ao aconchegante palco do Manouche nesta quinta-feira (16) para mostrar o show “Quatro Mãos”, nome do EP que lançaram juntos este ano.

Este é o primeiro projeto criado em conjunto pelos dois. Roberta vive em São Paulo e George no Rio, mas isso não foi impedimento para que dessem início a uma profícua parceria, que resultou em um disco de composições inéditas da dupla, produzido pelo multi-instrumentista Léo Israel e por Pedro Sá, ganhador do Grammy Latino.

Tendo Kid Abelha como uma de suas influências, a mineira Roberta Campos, debutou em 2008 e tem em sua carreira hits como “De Janeiro a Janeiro”, “Abrigo”, “Minha Felicidade”, entre outros. Já teve suas músicas em cerca de 21 trilhas de novelas e fez parcerias com Carlinhos Brown, Danilo Caymmi e Zélia Duncan. É dona de uma voz singular e seus shows já passaram pelo

Brasil, Chile e Estados Unidos. Recentemente regravou a canção “Grand Hotel” de Paula Toller e George Israel, conhecido sucesso do Kid Abelha.

Cantor, compositor e um dos fundadores do Kid Abelha, George Israel está em carreira solo desde 2004. Já somou à sua discografia três discos, um EP e diversos singles. Suas canções como “Brasil”, “Eu Tive um Sonho”, “Nada Sei” e “Lágrimas e Chuva”, com parceiros como Paula Toller, Cazuza, Leoni e muito outros, atravessam gerações. Com seu show solo “O Baile do George”, acompanhado de uma super banda, tem rodado o Brasil, desfilando hits e comemorando 40 anos de história.

Jé em “Quatro Mãos”, a dupla trará as músicas conhecidas de ambos, as canções desta recente parceria e números conjuntos onde interpretam Kid Abelha e outros artistas em comum. A doçura e a sentimentalidade de Roberta se unirão à energia e performance de George, trazendo uma visão única da junção destes dois artistas.

As “quatro mãos” estarão no palco junto aos violões, ao sax, ao trombone e a uma banda especialíssima com baixo, bateria e guitarra presentes. “A Roberta é uma cantora incrível, além de ter um jeito bem particular de tocar violão. Logo de prima sentimos uma sinergia especial. Temos muito em comum e encontrei nela alguém sensível e competente para criar junto lindas canções e um novo show especial”, elogia George, referindo-se à sua nova parceira.

O repertório vem repleto de grandes sucessos e emoções celebrando os ícones que fizeram parte da carreira do Kid Abelha e de Roberta Campos. Estão garantidos sucessos como “Te Amo Pra Sempre”, “Grand’ Hotel” e “Minha Felicidade”, além das quatro canções inéditas compostas especialmente para este projeto “Em Cada Pra Sempre” (de George e Alvin L), “Noite Perfeita” (de George e Leoni), “Me Surpreenda” (Roberta e George) e “One Day” (também composta pela dupla).

SERVIÇO

GEORGE ISRAEL E ROBERTA CAMPOS | QUATRO MÃOS

Manouche: (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese) | 16/5, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 75 (levando um quilo de alimento não perecível ou livro – estudante, meia entrada e idoso que será doado para o Retiro dos Artistas)

Divulgação



BK presta solidariedade ao drama do povo gaúcho

BK faz show no Circo com renda toda revertida ao RS

O rapper BK e Circo Voador se unem num mutirão de solidariedade para ajudar o povo do Rio Grande do Sul neste momento tão difícil. O show do artista nesta quinta-feira (16), a partir das 21h, terá a renda totalmente revertida para o Museu da Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul. A instituição vem fazendo um importan-

te trabalho de apoio às famílias atingidas pelas fortes chuvas no estado.

O ingresso custa R\$ 70, mas doações acima deste valor também são bem vinda. Além disso, a organização do evento pede que os fãs doem ao menos uma garrafa de 1,5L de água lacrada que serão direcionadas para os abrigos gaúchos.

Ação solidária

O Teatro Rival Petrobras está engajado nas ações para ajudar as vítimas da tragédia do Rio Grande do Sul e, por isso, promove nesta quinta (16) evento beneficente com várias atrações de estilos diferentes, mas todos unidos pelo ritmo da solidariedade.

Ação solidária II

Vão se revezar no palco Gabriel Policarpo & Bernardo Aguiar, Bloco Caramuela, Comédia Irreverentchy, Nosso Bloco, Bloco 442, Cisão Pé de Serra, Bloco 8&80 e Bloco Marcha Nerd. Toda a renda será destinada às vítimas da tragédia.

Estratégia

Após onze temporadas e no ar, a série “Reis” não tem mostras de que vai terminar. A Record renovou a produção para uma 12ª temporada. As gravações começaram nesta semana. A emissora entende que a produção ainda tem fôlego.

Estratégia II

A Record pretende investir ainda mais em tramas bíblicas. Está em filmagem a série “A Rainha da Pérsia”, que reconta a história de Ester. Antes, “A Rainha da Pérsia” será lançada na Univervídeo, o streaming da Igreja Universal.

Ali Karakas/Divulgação



No embalo dos jogos eletrônicos do passado

Cantor e compositor Ivyson cria game com estética dos anos 80 para divulgar seu segundo álbum

Ivyson, cantor e compositor pernambucano, anuncia hoje o lançamento do seu novo álbum de forma inusitada. Com um game inspirado nos jogos de plataforma dos anos 1980, o artista divulga “Afinco”, seu segundo álbum de carreira, que chega às plataformas no próximo dia 30 de maio. O jogo está disponível gratuitamente no site oficial do músico (www.ivyson.com.br).

O jogo foi desenvolvido pela Little Devil Company e conta com três fases repletas de desafios, spoilers e referências de obras passadas do jovem

Pavoa/Divulgação



artista. “Busquei formas de transitar entre o meu primeiro álbum, ‘O Outro Lado do Rio’, e o meu novo disco e tivemos a ideia de criar algo interativo e nostálgico”.

O game foi criado com referências nos jogos clássicos 8-bit, tais como Super Mario e Metroid, e tem uma jogabilidade fluida e contemplativa. Com desafios e obstáculos divertidos ao longo do percurso, o jogador tem a missão de recolher insígnias que contém 30 segundos de prévia das canções inéditas do disco “Afinco”. Após reunir todas as moedas, e chegar ao topo da montanha, o jogador recebe como recompensa o link para o pre-save do álbum, que será lançado no dia 30 de maio.

“Muita gente não sabe, mas uma das coisas que uso para passar o tempo são os jogos, e poder trazer um pouco da minha rotina para o meu público é como compartilhar mais uma parte de mim e me conectar um pouco mais com as pessoas que me acompanham”, conta o músico.

Ivyson revela ter uma relação especial com os jogos de videogame

O cantor e compositor pernambucano lançou recentemente dois singles do álbum que vieram acompanhados de videoclipe: “Fica”, composta em parceria com seu amigo Dody, em que explora as nuances do amor e da dependência emocional; e “Serena”, canção que homenageia e exalta a força feminina.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Fusão de estilos

A banda indie-rock Foxes On The Run, está finalizando a produção de seu mais recente single, “Skipping Stones”, em colaboração com a multi-artista Esta parceria traz consigo uma fusão única de estilos e perspectivas, criando novos patamares de expressão artística e emocional. A faixa é para o grupo uma expressão autêntica de sua identidade. Sediada em Mogi das Cruzes (SP), a banda é conhecida por combinar melodias cativantes, letras profundas e uma energia contagiante nos palcos.

Divulgação



Lett Sousa/Divulgação



Vestindo o santo

A cantora e compositora mineira Regina Souza lança “Vista seu Santo”, primeiro single do seu novo álbum, com produção musical e arranjos de Fejuca e Ricardo Gama, e que estará disponível em todas as plataformas digitais a partir desta sexta-feira (17). O álbum, intitulado “Sou”, está programado para sair em agosto. Até lá o público terá a oportunidade de conhecer esta e mais duas faixas que serão lançadas nos meses de junho e julho. O trabalho é totalmente autoral e mergulha nas raízes da música brasileira, explorando diversos ritmos como ijexá, baião e samba, além de baladas e valsa.

Divulgação



Ode à liberdade

Unindo música brasileira e diversas sonoridades alternativas de todo o mundo, Slim Soledad quer surpreender em seu novo single “T.E.T.A Intergalactica”. A faixa é uma ode à identidade, resistência e libertação assinado pela artista brasileira que vem se destacando na música eletrônica internacional unindo referências da arte contemporânea com imagens e sons latinos. Nascida em Guarulhos (SP), Slim começou sua jornada nas artes em meio à cultura vibrante da música e da dança, uma jornada que a levou das pistas de dança de São Paulo a palcos globais.



Palmas de Ouro e da discórdia

Divulgação



TITANE

Sedento para aplaudir 'Megalópolis', Cannes mantém filmes polêmicos como 'Titane' em seu radar, jogando holofotes em títulos que mas passam longe da unanimidade

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Três anos depois de ter conquistado a Palma de Ouro, "Titane", de Julia Ducournau, continua nos horizontes de Cannes. Há DVDs, cópias em Blu-ray e camisetas do filme à venda nas lojas da Croisette, que recebe nesta quinta o esperado "Megalópolis", de Francis Ford Coppola, na mostra competitiva da 77ª edição de seu festival anual.

Lançado no Brasil diretamente na streaminguesfera, na plataforma MUBI. Por onde passou o thriller sobre uma assassina com placas de titânio no corpo, que fica grávida de um carro (!) e expele óleo diesel da vagina (!!), foi visto com estranheza, sem harmonizar as opiniões de seus espectadores. Cannes dividiu-se num Fla x Flu tipo "Amei" x "Odiei" ao fim de sua projeção. San Sebastián viveu a mesma situação. O Festival do Rio, idem. Houve gente saindo das sessões quando, sua protagonista, Alexia (Agathe Rousselle) bate o próprio rosto contra uma pia, a fim de deformar seu nariz.

Deformar-se é parte da reinvenção pela qual a personagem há de passar quando se assume, sem culpa, como serial killer, dando um ponto final à existência de homens que passam dos limites na aproximação a ela e dando um adeus a mulheres que não reagem a seus carinhos furiosos como ela espera. E ela mata usando um pau de cabelo como arma. É indigesto (para alguns) torcer por ele. E mais indigesto ainda é lidar com a brutalidade que a cerca.

Uma trajetória de polêmicas

Mas não é de hoje que Cannes incomoda muita gente com seu "palmarês". Mas é um incômodo que marca época. Conheça cinco casos que criaram muita polêmica ao longo dos 77 anos de história do festival, criado em 1939.

O PAGADOR DE PROMESSAS, de Anselmo Duarte, em 1962: O Cinema Novo já tinha posto a cabecinha pra fora, com "Barravento", de Glauber Rocha; "Os Cafajestes", de Ruy Guerra; e o coletivo de "Cinco Vezes Favela". Diante dessa nova turma, com a proposta de uma revolução estética que estendesse a dimensão revolucionária do cinema também para a forma, o projeto de drama social de Dias Gomes, à luz da direção clássica de um ator como Anselmo soava algo antigo. Para alguns. Pra outros, como o júri chefiado pelo poeta e diplomata Tetsuro Furukaki, o Zé do Burro de Leonardo Villar foi um ícone da catarse moral inerente ao fundamentalismo.

"A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAÍSO", de Elio Petri, empatado com "O Caso Mattei", de Francesco Rosi, em 1972: O culpado por esse empate foi o ci-



O PAGADOR DE PROMESSAS



A MISSÃO



A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAÍSO



PULP FICTION

neasta Joseph Losey, que fez história em Cannes ao premiar não dois (belíssimos) filmes, mas, sim, um conceito: o cinema político, a estética de guerrilha, a tradução audiovisual da "poesia de protesto". Era uma forma de

filmar que os italianos faziam melhor do que ninguém, tendo um ator como divo Gian Maria Volontè, que conquistou uma menção especial por sua performance e também por tudo o que simbolizava. Esse simbolismo não

agradou a todos. Mas os dois longas fizeram uma carreira invejável nas bilheterias internacionais.

A MISSÃO, de Roland Joffé, 1986: Foz do Iguaçu tem até hoje figurinos, indumentários e partes dos cenários usados nas filmagens deste épico indigenista sobre uma expedição jesuítica à América do Sul que lutou para proteger uma civilização dos povos originários da violência colonizadora. A trilha sonora de Ennio Morricone é um patrimônio da história da música. Mas a controvérsia em torno de sua passagem pela Croisette envolve a forte concorrência. Que o filme é bonito, não resta dúvida. Mas daí a considerá-lo mais relevante do que “O Sacrifício”, o canto de cisne de Andrei Tarkovsky, não dá. Mesmo.

PULP FICTION, TEMPO DE VIOLÊNCIA, de Quentin Tarantino, em 1994: Nem o presidente do júri, Clint Eastwood, ficou plenamente convencido da força dessa narrativa em três segmentos com um introito em restaurante, esboçando, em meio a um papo de casal (Amanda Plummer e Tim Roth) um assalto. Houve quem reclamasse de que Cannes estava se rendendo ao pop. Um ou outro reclamava do excesso de sangue e de tiros. Mas o que o júri, de modo geral, à revelia de Clint, percebeu, é que ali havia uma nova modalidade dramaturgica que incorporava o que havia de mais trivial (como os hambúrgueres do McDonald's) para propor uma nova estética.

DHEEPAN, O REFÚGIO, de Jacques Audiard, em 2015: Essa é a Palma mais mal falada da década passada em parte por contradizer um raciocínio paternalista que funda inteligências universitárias das mais variadas (sobretudo as da USP e da UFRJ) e descarta um conceito que está Nietzsche: o paralelismo do cordeiro. Segundo o autor de “O Crepúsculo dos Ídolos”, a ave de rapina só é o que é por impor temor no cordeiro, que só é o que é por temer seu predador, gerando uma dependência. Essa é a lógica dessa narrativa. Na trama, um soldado do Sri Lanka (vivido pelo escritor Jesuthasan Antonyhasan) deserta de seus compromissos de batalha, deixando para trás um passado de mortes acumuladas. Para imigrar para a Europa, ele precisa levar uma jovem e uma criança com ele, fazendo-se passar por marido e pai. Mas ao se mudar para a França, vai ter que pegar em armas de novo para proteger suas “agregadas”. O que a lógica da sociologia francesa espera é que ele seja um carneirinho manso, por ser pobre, imigrante, um terceiro-mundista. Mas, uma vez matador, sempre matador.

A escolha de Meryl

Campeã de indicações ao Oscar ganha a Palma de Ouro Honorária na arrancada de Cannes

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sinônimo vivo de Oscar, com 21 indicações e três estatuetas, Meryl Streep levou o Festival de Cannes às lágrimas ao ser laureada com a Palma de Ouro Honorária, pelo conjunto de sua carreira, na abertura do evento, na terça. A primeira a chorar com ela foi a diva francesa Juliette Binoche, convocada para entregar o troféu à colega americana de 74 anos. Um clipe com diferentes filmes da estrela de “A Escolha de Sofia” (1982), foi exibido, gerando uma comoção na plateia, incluindo o júri desta 77ª edição, presidido pela diretora de “Barbie”, Greta Gerwig.

“Tem 35 anos que estive aqui pela última vez”, disse Meryl, lembrando da ocasião em que saiu da Croisette com o prêmio de Melhor Interpretação por “Um Grito No Escuro” (1988). “Ver essas imagens me faz sentir como se eu estivesse num trem-bala vendo a minha vida passar, primeiro a minha juven-

Reprodução



Meryl Streep recebe a Palma de Ouro Honorária em Cannes

tude, depois a maturidade, e agora... não sei onde estou. Quando vim aqui, eu já era mãe de três crianças e esperava o quarto. Não sei como dei conta. Mas acho que cada um de vocês, minha plateia, ajudaram muito ao não enjoarem da minha cara”.

Na festa, ela dedicou a Palma a seu empresário e ao cabelereiro que cuida de seu visual há quase 30 anos. “Ele trabalhou com Bergman e é o artifice por trás dos looks que eu uso na tela”, disse Meryl, que concedeu uma masterclass sobre sua trajetória profissional na quarta.

Nos próximos dias, duas outras Palmas de Honra serão atribuídas. Uma fica com o Estú-

dio Ghibli, grife japonesa de animação, laureada com o Oscar, em março, por “O Menino e a Garça”. A outra, agendada para ser entregue na cerimônia de encerramento, vai para George Lucas, o criador da franquia “Star Wars”.

Nesta quinta, Cannes recebe o tão esperado “Megalópolis”, de Francis Ford Coppola. É “A” produção mais esperada de todas. Especula-se que não saia de Cannes sem prêmios.

No teaser so longa, divulgado pela American Zoetrope, a produtora do cineasta, o personagem de Driver caminha sobre o teto de uma construção nababesca e observa os céus de sua cidade até que, prestes a cair, ele consegue parar o tempo com uma palavra de ordem, estalando o dedo para que tudo volte a funcionar. Pelo pouco que se sabe, o tal personagem é Cesar Catilina, um artista com poderes especiais cujo sonho é construir um mundo utópico. Ele vive numa Nova York que passou por um acidente e precisa ser recriada. Mas ele terá como algoz o prefeito Franklyn Cicero, papel dado a Giancarlo Esposito. Idealizada por Coppola em 1977, esboçada como projeto em 1983 e retomada em 2019, a trama de “Megalópolis” conta com um elenco de peso, que reúne Dustin Hoffman, Jon Voight, Aubrey Plaza, Nathalie Emmanuel, Shia LaBeouf e Talia Shire (irmã do cineasta). As filmagens aconteceram em 2022 e 2023, nos estúdios Trilith, em Atlanta, na Geórgia.

Dupieux entre o escárnio e o tédio

Divulgação

Apesar de curto (1 hora e 25 minutos), “Le Deuxième Acte”, o filme de abertura de Cannes, teve tempo de sobre para chatear a plateia com sua filosofia de botequim sobre arte de representar. “O real é o real e ponto final” é o diálogo mais profundo que o longa conseguiu oferecer à Croisette. Seu realizador, Quentin Dupieux, é um satirista nem sempre engraçado como acredita ser que já emplacou boas ideias (“Rubber”), mas já errou um bocado (“Wrong”). Seu melhor filme até hoje, “Yannick”, estreou na MUBI faz pouco e brinca com o teatro. A trama que levou para o festival francês deste ano também brinca com a arte de atuar. Tem até alguns momentos de boas gargalhadas, mas caminha para um horizonte reflexivo de onde pouca coisa se extrai e quase nada se aproveita. A fotografia burocrática complica ainda



LE DEUXIÈME ACTE

mais a sua fruição. Seu enredo se concentra num jogo de vaidades de uma atriz cheia de insegurança, três atores e um suposto figurante em crise de pânico. Mas esses arquétipos

vão mudando. O destaque do estelar elenco (Léa Seydoux, Vicent Lindon, Louis Garrel) é Raphaël Quennard, na pele de um aspirante a astro debochado. (RF)

Os anéis do sucesso da Prime Video

O Prime Video divulgou nesta semana o primeiro teaser da segunda temporada da série “O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder”, que estreia em dia 29 de agosto. No novo cartaz, Sauron (Charlie Vickers) aparece em uma nova forma que o ajudará a enganar os habitantes da Terra-média, período de milhares de anos antes dos eventos de “O Hobbit” e “O Senhor dos Anéis”, de J.R.R. Tolkien.

A primeira temporada, que teve maior orçamento de todos os tempos para uma série (em torno de US\$ 1 bilhão ou R\$ 5 bilhões), foi um sucesso para a plataforma e se tornou uma das primeiras séries originais a ser vista por mais de 100 milhões de pessoas em todo

Segunda temporada de ‘Os Anéis de Poder’ ganha teaser e data de estreia na plataforma, que bateu recordes com a produção da série baseada na obra clássica de J.R.R. Tolkien

o mundo. A produção gerou mais assinaturas no serviço de streaming durante a sua janela de lançamento



Ismael Cruz Córdova vive o elfo Arondir em ‘Os Anéis do Poder’

do que qualquer conteúdo anterior.

O teaser da segunda temporada leva os espectadores em uma viagem cheia de ação de volta à Segunda Era de Tolkien, e mostra a presença maligna ascendente de Sauron, que continua sua busca vingativa pelo poder total.

A prévia, que destaca a potência cinematográfica pela qual a série é reconhecida, ainda anuncia

o retorno de muitos personagens já conhecidos dos fãs, incluindo Galadriel, Elrond, Príncipe Durin IV, Arondir e Celebrimbor, além de revelar a tão esperada criação de mais Anéis.

A nova fase mergulha até mesmo seus personagens mais queridos e vulneráveis em uma maré crescente de escuridão, desafiando cada um a encontrar seu lugar em

um mundo que está cada vez mais à beira da calamidade. Elfos e anões, orcs e homens, feiticeiros e pés-peludos... à medida que as amizades se desgastam e os reinos começam a se fragmentar, as forças do bem lutarão cada vez mais bravamente para manter o que é mais importante para eles: uns aos outros.

O teaser está disponível em (<https://youtu.be/WEcz-Rk5NTU>).

Os jovens bruxos estão de volta

Revival de ‘Os Feiticeiros de Waverly Place’ ganha título e fotos oficiais com Selena Gomez

A Disney divulgou novas fotos e o nome oficial do revival de “Os Feiticeiros de Waverly Place”. A nova série está sendo produzida pelo Disney + e será chamada “Wizards Beyond Waverly Place”. Selena Gomez e David Henrie voltam como Alex e Justin Russo.

As fotos de divulgação mostram Selena e David no familiar cenário do laboratório de magia

da família Russo, além da família de Justin, a qual será protagonista da série. A atriz e empresária, vai atuar como produtora e deve retornar com a antiga personagem em uma participação especial logo no primeiro episódio.

A história do revival começa após um misterioso incidente na WizTech, onde um Justin Russo adulto deixou seus poderes de bruxo para trás, optando por



Disney+/Divulgação

Selena Gomez e David Henrie vão participar de spin-off de “Feiticeiros de Waverly Place”

uma vida humana normal com sua esposa e dois filhos. Mas ele tem uma surpresa quando uma poderosa jovem bruxa que precisa de treinamento aparece à sua porta.

A jovem bruxa, Billie, que Justin toma sob sua proteção,

será interpretada por Janice LeAnn Brown, enquanto Alkaio Thiele viverá Roman Russo, filho mais velho de Justin; já Mimi Gianopulos interpretará a esposa de Justin, Giada.

“Os Feiticeiros de Waverly Place” acompanhava os irmãos

Russo, três irmãos aparentemente comuns, mas que estão em treinamento para se tornarem feiticeiros e herdar o dom da família. A série ficou no ar no Disney Channel de 2007 a 2012, e ainda contou com Jake T. Austin e Jennifer Stone no elenco.

Quando as culturas funk e ballroom se encontram

Das vielas para os palcos, o espetáculo de dança “Vogue Funk” surge como uma expressão autêntica e poderosa do encontro entre a cultura funk e a cultura ballroom/vogue, unindo os “crias” e as “manas” para representar a potência que brota nas periferias.

Inspirado na efervescência desses universos que se assemelham e se complementam, “Vogue Funk” estreia nesta quinta-feira (16), às 20h, no Teatro de Arena do Sesc Copacabana, e seguirá com apresentações de quinta a domingo, sempre às 20h, até o dia 26. O espetáculo faz parte da quarta edição de “O Corpo Negro - Festival de dança e protagonismo”. Os ingressos são gratuitos e serão distribuídos 30 minutos antes de cada apresentação.

Originando-se em contextos geográficos e cronológicos distintos, vogue e funk têm em comum a origem periférica e predominantemente preta, além de serem símbolos de resistência cultural, política e social, como destaca Rafael Fernandes, diretor artístico e idealizador do espetáculo.

“Ambas foram e ainda são marginalizadas, mas foi através da arte que encontraram uma forma de sobrevivência de diversas opressões, se tornando caldeirões efervescentes de produção artística e cultural. Elas representam a potência da cultura jovem e periférica colocadas em destaque, ocupando o seu devido lugar, que é o da Excelência”, ressalta.

“Vogue Funk” traz para o palco os elementos de ambos os universos, como DJs, MC/Chants, Bails/Ball, batalhas, passinhos, vestimentas características, a atitude e coreografias, como destaca a diretora do espetáculo, Patyfudida. “Organizamos uma série coreográfica, explorando gestos radicais

Das vielas para os palcos, o espetáculo ‘Vogue Funk’ surge como uma expressão autêntica unindo os ‘crias’ e as ‘manas’ para representar a potência artística das periferias

que desafiam convenções, buscando reposicionar as relações históricas e culturais. Investimos em poses insubordinadas para elaborar resistências e nutrir repertórios de memórias, criando imagens que disputam novos significados e valores”, ressalta.

A presença desta obra, originada na periferia e realizada por artistas periféricos, ocupando espaço em Copacabana é um ato de afirmação e resistência; desafia as fronteiras sociais e culturais, convidando um público diverso a vivenciar e reconhecer a riqueza dessas narrativas que por muito tempo se viram à margem. “Mais do que representatividade, estamos evidenciando a pluralidade dos nossos corpos e das nossas histórias. A prova de que enquanto artistas negros e periféricos somos multiplicidades de potências”, ela comemora este feito.

“Vogue Funk” reúne artistas que entregam excelência em suas respectivas expressões



O espetáculo ‘Vogue Funk’ transita entre o asfalto riscado pelos crias descalços da favela e as quedas das ‘manas trans’ de salto nas balls

artísticas, como Mother Juju Ninja, líder de uma das maiores house Ballroom do mundo; André DB, que é referência mundial do passinho, atual vencedor do Red Bull Dance Internacional; Yure IDD, dj que coleciona parceria com artistas relevantes da cena, como Gloria Groove; e Kill Bill Balenciaga, uma das maiores referências do Vogue no Brasil.

“Isso para listar alguns. Cada performer neste elenco traz um universo único de conquistas para sua comunidade, fazendo do ‘Vogue Funk’ uma produção que exalta cada individualidade para construir uma potência coletiva”, reforça Patfudyda.

Para além de um espetáculo, “Vogue Funk” torna-se um manifesto cultural que desafia as normas estabelecidas e abre caminho para uma narrativa revolucionária. “Estamos aqui dando uma chance para a sociedade testemunhar o quanto pode ser

enriquecedor para cultura brasileira dar luz às margens e deixar que elas criem suas próprias histórias”, defende a diretora.

“Vogue Funk” inaugura uma série de obras com produção assinada pela Quafá Produções, produtora periférica que atua há 13 anos na produção, gestão e captação de recursos de projetos culturais de cultura urbana e periférica. Além disso, a obra possui recursos oriundos do Edital de Cultura Sesc RJ 2023/24.

SERVIÇO

VOGUE FUNK

Teatro de Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
De 16 a 26/5, de quinta a domingo (20h) | Grátis, com ingressos distribuídos 30 minutos antes de cada apresentação

Por **Laura Erber** (Folhapress)

O mundo literário lamenta a perda de uma verdadeira mestra do conto, a canadense Alice Munro, aos 92 anos. Seu legado como narradora perspicaz e seu posicionamento público contra a desigualdade de gênero continuará a inspirar gerações futuras.

Munro foi a primeira autora mulher do Canadá a receber o Nobel de Literatura, tendo sido agraciada também com o prêmio Booker Internacional e o National Book Critics Circle Award, este último pelo livro “O Amor de uma Boa Mulher”, de 1998, por muitos considerado o seu livro mais importante, reunindo contos em que seu estilo cinematográfico - uma visão abrangente articulada à atenção aos detalhes em zoom - já se evidenciava.

A obra percorreria o mundo atraindo leitores de diferentes contextos. No Brasil, contudo, Munro passou a ser mais traduzida e lida a partir do Nobel e do relançamento do livro de contos “Ódio, Amizade, Namoro, Amor, Casamento”. Agora, decerto deve conquistar novas e novos leitores.

Nascida em 10 de julho de 1931, em Wingham, Ontário, Alice Ann Laidlaw cresceu em uma pequena cidade da zona rural canadense que serviria de fonte de inspiração para suas narrativas e para a construção de suas personagens.

De família modesta e crescendo numa época de depressão econômica, Munro aproximou-se do universo literário graças ao forte interesse pela leitura que marcou sua infância. Frequentou por dois anos a Universidade de Western Ontario, onde conheceu o primeiro marido, James Munro, com quem fundou a Munro's Books, livraria independente que se tornou espaço de referência e hoje é uma das mais respeitadas do Canadá.

Seu primeiro livro, “Dance of the Happy Shades”, foi lançado em 1968, colhendo elogios da crítica especializada. O livro foi escrito ao longo de quase 15 anos, na passagem dos seus 20 aos 30 anos,

O ÚLTIMO ATO da mestra dos contos

Morre Alice Munro, Nobel de Literatura, aos 92 anos

Divulgação



Alice Munro teve seu primeiro livro lançado em 1968, colhendo críticas elogiosas

Por onde começar a ler a autora

Alice Munro se notabilizou na literatura, sobretudo, como mestra dos contos. A autora tem sua obra editada no Brasil pela Biblioteca Azul e pela Companhia das Letras. A reportagem fez uma seleção dos principais títulos disponíveis por aqui para começar a conhecer seu trabalho.

O Amor de uma Boa Mulher (1998): Coletânea de oito contos premiada com o National Book Critics Circle Award, nos Estados Unidos, foi central para ampliar o alcance da escritora canadense.

Ódio, Amizade, Namoro, Amor, Casamento (2001): O livro inclui o conto que deu origem ao filme “Longe Dela”, de Sarah Polley, sobre uma mulher com Alzheimer que se apaixona por outro homem quando o marido a interna, angustiado, em uma casa de repouso.

Fugitiva (2004): Nesta coletânea estão os contos que fascinaram o cineasta Pedro Almodóvar a pon-

to de transformá-los em seu filme “Julieta”, uma das poucas adaptações literárias de sua carreira.

Felicidade Demais (2009): A autora explora vidas de mulheres que lidam com extremos da sedução e violência, partindo do conto que intitula o livro, uma ficção inspirada na vida de uma matemática russa que foi pioneira na ciência de seu país.

Vida Querida (2012): O último livro publicado por Munro em vida, um ano antes de ganhar o Nobel de Literatura, também é o único em que ela se dedica explicitamente a um punhado de narrativas autobiográficas.

de vidas aparentemente comuns.

Muitas histórias de Munro são mobilizadas pelo complexo funcionamento interno das personagens, que o conto permite revelar através de detalhes latentes de sentido. Sua literatura será lembrada pelas personagens femininas flagradas em situações mundanas, mas em processos de viragem, enfrentando dificuldades que a vida impõe - um câncer, o preconceito de classe ou a traição.

Munro soube percorrer um espectro múltiplo de mulheres, desenhando com uma notável economia de meios a complexidade das expectativas de meninas que crescem na zona rural, idosas em processo de demência, a jornada passional de mulheres de meia-idade ou as obsessões de escritoras reclusas e solitárias. Professoras, secretárias, esposas, amigas, mães e filhas são flagradas em momentos de transformação ou nas tentativas de escapar de um algum modo da vida, buscando saídas para as circunstâncias que, de certo modo, as mantêm cativas.

Comparada ao russo Anton Tchekhov pelo crítico Harold Bloom, Munro fez do conto um grande gênero, sem para isso recorrer à exuberância do fantástico ou aos caprichos do simbolismo. Seus contos são realistas e constritos: não julgam as ações que narram, deixando para quem lê uma margem de liberdade crítica.

Sua matéria é a vida como ela é, em declínio, metamorfose ou perdição, sob o véu da aparente normalidade - a vida naturalmente ordinária e por isso mesmo sempre singular, cativante, por vezes mesmo resistente à interpretação.

Os contos de Munro reconectam seus leitores com a condição humana sem escapismo, mas são construídos sobre a intensidade emocional. Munro reafirma a literatura como uma educação sentimental da qual não podemos prescindir. Sua obra é uma afirmação persistente dessa compreensão da literatura como espaço de abertura onde aprendemos a percorrer os caminhos sinuosos de vidas alheias, sem o imperativo da identificação total ou do julgamento moral.

quando se tornou uma mulher casada e mãe. Escreveu boa parte de seus contos enquanto seus filhos

dormiam ou nas poucas horas em que frequentavam a escola. Ali já se revelava uma autora capaz de ma-

nejar com destreza a intrincada tapeçaria das emoções humanas e os impasses que se escondem por trás